

## **ESTRATÉGIA SOCIALISTA X DEMOCRACIA POPULAR**

As necessárias distinções práticas-teóricas.

*Por Robson Luiz Ceron, militante do PCB,  
Contribuição: Dário Silva.  
Base Manoel Alves Ribeiro, Florianópolis/SC.*

O Partido Comunista Brasileiro aponta há algum tempo a necessidade do caráter socialista para a Revolução Brasileira.

Esta concepção busca superar aquilo que aparentemente havia nos superado: a alternativa “democrático-popular”. Isto é, o PCB, que nos marcos da opção nacionaldemocrática, fora derrotado pela luta de caráter democrático e popular, agora, ultrapassa-a. (Em grande medida, isto pode ocorrer por uma simples razão, a semelhança evidente da práxis do nacional-democratismo e do democrático-popular).

Para realizar tal tarefa já possuímos um cabedal diverso de elementos construídos. A riqueza teórica sintetizada nas teses apresentadas para o conjunto do Partido é imensa. Principalmente ao caracterizar os elementos da concepção da Estratégia da Revolução Socialista. Destaca-se todo o subitem “A via estratégica da Revolução Socialista” (itens 71 a 85 da Tese Estratégica e Tática). Nessa mesma direção, buscamos contribuir para o debate do XIV Congresso, abordando as diferenças – na práxis cotidiana – entre aqueles que são orientados pela Estratégia da Revolução Socialista, em comparação àqueles que, conscientes ou inconscientemente, labutam nas leiras da opção “democrático-popular”.

Pensamos que tal distinção será cada vez mais necessária.

Seria, claro, impossível adentrar em todos os campos de atuação objetiva. Contudo, acreditamos que, em um campo específico, esta distinção já se apresenta com elementos suficientemente caracterizados. Chamaremos este campo de eleitoralismo-popular, ou seja, a disputa das institucionalidades populares (sindicatos, órgãos estudantis, movimentos sociais, etc.). O que assistimos com os “democratas-populares” foi a contínua disputa pelas direções destas esferas de poder. No caso específico dos estudantes, por exemplo, disputava-se e disputa-se, desde o Grêmio Estudantil até a UNE, sempre de forma ferrenha.

Estas organizações, orientadas pelo democratismo-popular, moviam-se nesta direção de disputa com vários objetivos explícitos e/ou velados, conscientes e/ou inconscientes. Isto é, algumas organizações buscavam/buscaram estes “instrumentos” com o objetivo descarado do eleitoralismo institucional burguês (a disputa pelo poder político das esferas do Estado burguês). Tratava-se e, em muitos casos, trata-se de ganhar as bases para a disputa eleitoral, tão somente. Outros, mais ou menos arredios a simples disputa do Estado burguês,

buscavam e buscam nestas disputas a forma de instrumentalizar a luta, ou, em muitos casos, as suas próprias organizações (São por demais conhecidos os casos em que o sindicato 'x' "bancou" a ida ou a vinda deste ou daquele "companheiro", "bancou" este ou aquele evento, e assim por diante". Cabe aqui uma pequena ressalva.

Não se trata de simplesmente desconsiderar e eliminar tais práticas, mas sim, tomá-las de um ponto de vista crítico (dialético). Também, não se pretende colocar em um mesmo "saco", o mau-caratismo dos sujeitos que buscavam e buscam um trampolim para a carreira política (nas próprias organizações ou no Estado Burguês), e aqueles que, sinceramente, acreditavam que a conquista "por cima" dessas organizações "de baixo", poderia disseminar a luta (até mesmo) proletária e revolucionária.

Contudo, mesmo os mais sinceros "democratas-populares", pela própria lógica interna desta opção, ao empenharem suas forças e recursos na luta pela "base", esqueciam-se ou acabavam se afastando da luta "de base". Exemplo recente: conquistar o DCE é mais importante agora (e sempre?) do que discutir o REUNI com os estudantes.

No caminho do que definimos como eleitoralismo-popular – sem menosprezar estes espaços de disputa – é necessário construir uma nova práxis, que seja, ao menos tempo, superior a prática democrático-popular e coadunada com a Estratégia da Revolução Socialista.

A nosso ver, trata-se, de fato, de inverter prioridades. É buscar a disputa da "base" pelas lutas "de base", e neste processo, construir o Bloco Histórico do Proletariado, a hegemonia dos trabalhadores. É disputar, sim, estas esferas de poder, mas no conjunto teórico-prático do Bloco Hegemônico do Proletariado. É chegar à direção destas organizações de trabalhadores e populares, acompanhados dos membros das frentes anticapitalistas que se construirão e do próprio proletariado. Ou seja, é buscar superar o eleitoralismo e o instrumentalismo, sem o apelo idealista da "boa vontade". Mas, pelo fato objetivo de estar acompanhado dos membros do Bloco Histórico e das suas Frentes.

Acompanhados não da forma como ocorre hoje, onde os trabalhadores "menos" conscientes são utilizados, nas eleições, como legitimadores do processo e das "chapas" e depois permanecem como coadjuvantes ou como aqueles que "atrapalham os verdadeiros revolucionários". É disputar, sim, desde que a disputa já seja expressão da luta e resulte em um salto positivo para o Bloco.

Acreditamos que, na medida em que for possível distinguir e praticar estas diferenças, a opção da Estratégia da Revolução Socialista poderá tornar-se opção real e alternativa concreta para todo o conjunto das forças dos trabalhadores. Esta distinção preliminar e superficial necessita obviamente ser aprofundada. Mais do que isto, construída para todos os espaços prático-teóricos existentes em nossa realidade. Distinguir-nos é fundamental.

Por fim, pensamos que mesmo a Estratégia da Revolução Socialista prescinde de atuações, ainda, no campo da opção democrático-popular. Impossível construir o novo, sem elementos do velho. Porém, todo avanço prático no terreno “democrático popular” deverá estar muito bem condicionado pela Estratégia da Revolução Socialista. Ou seja, deverá possuir sempre caráter Tático.

Se for impossível, em alguns casos, livrar-se simplesmente da prática “democrática popular” esta deverá estar submetida à orientação Estratégica da Revolução Socialista para o Brasil.

Assim, ter claro as distinções entre as opções é fundamental para orientar a nossa própria prática, para dizer se estamos em nosso território, ou em território alheio, se somos coerentes ou não com nossas propostas.

O PCB está prenhe de desafios: A concretização do nascedouro revolucionário do século XXI, a superação do capitalismo e do capital e os desafios que a estratégia da Revolução Socialista nos impõe são muitos: preparamo-nos!